

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Quilombo de Minas Class.: 132

Data: 17/12/87 Pg.: _____

Comitê defende as áreas indígenas

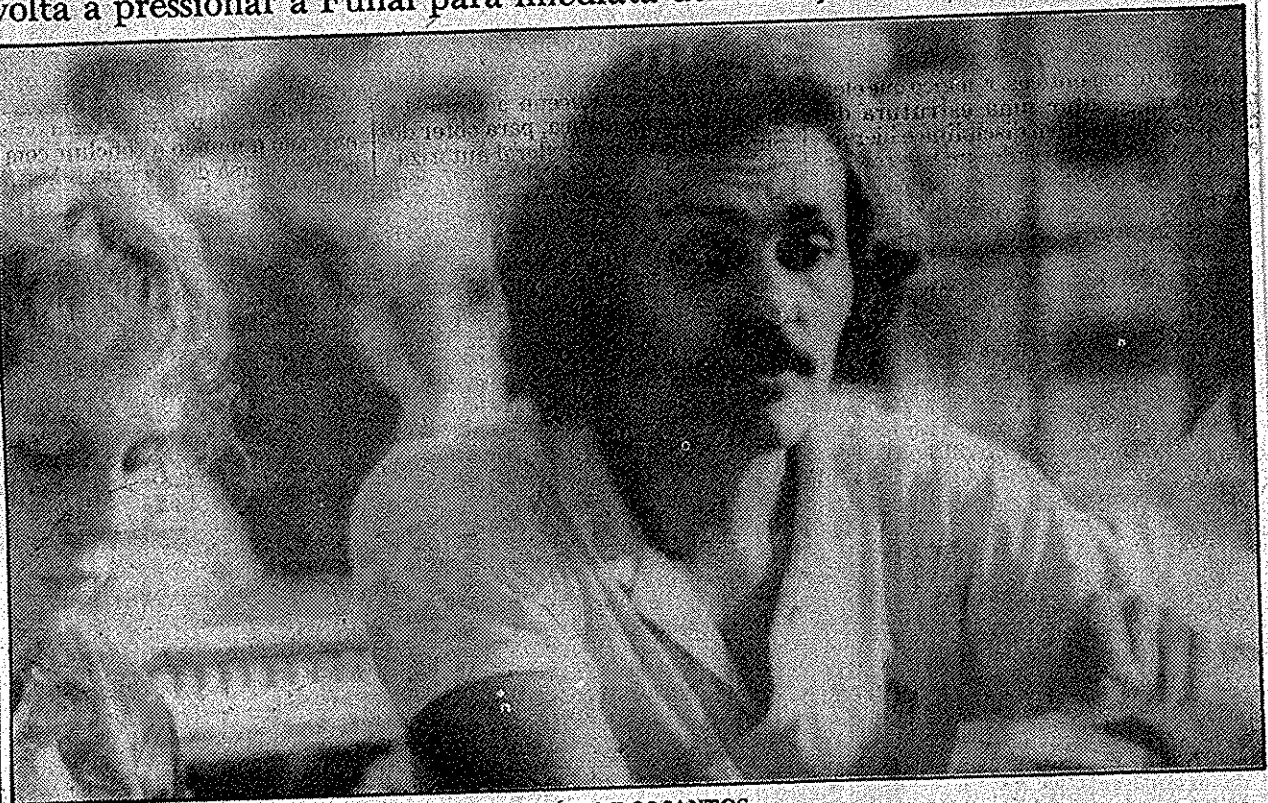
190 E o Cimi que volta a pressionar a Funai para imediata demarcação das terras

Após diversos conflitos e divergências com a Funai — o que gerou em setembro a proibição de entrada nas aldeias em Minas — o Cimi — Conselho Indigenista Missionário — voltou à carga e, com mais 30 entidades sindicais e populares, criou o Comitê de Apoio ao Povo Maxacali, com o objetivo principal de lutar pela reunificação da área ocupada pela comunidade indígena e a imediata demarcação das terras. A princípio, estão sendo distribuídos abaixo-assinados de apoio a esta reivindicação entre políticos, autoridades e personalidades, para posteriormente ser enviado ao Governo Federal através dos Ministérios do Interior e Reforma Agrária, para solução do problema.

Esta campanha ampla que o Cimi está orquestrando é motivada pela análise, feita pelo próprio órgão, sobre a aplicação da política indigenista da Funai, nas comunidades Maxacali e Xakriabá, considerando-a durante 87 totalmente nociva aos interesses dos índios, "sobretudo na administração regional de Governador Valadares, dirigida por Lúcio Flávio Coelho, que pode gerar conflitos de graves proporções nas duas comunidades.

De acordo com o coordenador do Cimi-Leste, Fábio Alves dos Santos, a área maxacali ainda não foi demarcada e continua dividida por um corredor de fazendas, e não há iniciativa por parte da Funai no sentido de reunificar as duas áreas, "em claro favorecimento aos interesses dos proprietários de terra. Nos últimos anos, sete índios foram mortos em consequência desta situação, até o momento não houve interesse em investigar com profundidade os casos".

Outro ponto atacado pelo Cimi diz respeito à política agrícola adota-



FABIO DOS SANTOS

"A aldeia Maxacali não oferece condição de subsistência aos índios"

da na aldeia Maxacali, que "não oferece nenhuma condição de subsistência aos índios, porque a semente chega atrasada e em quantidade insuficiente, além de os técnicos da Funai se negarem a incentivar as roças sob a alegação de que os maxacalis não são agricultores, negando-se também a utilizar recursos técnico no

combate a pragas, o que resultou na perda total da safra de feijão.

— A assistência educacional e de saúde praticamente não existe — afirmou Fábio Alves — somente este ano 18 índios morreram por desidratação e desnutrição, duas aldeias estão sem água, tendo que recorrer a

poços de água contaminada. As cinco professoras da Funai nas aldeias ficam totalmente ociosas porque a escola simplesmente não funciona. Outro aspecto da ação da Funai junto aos índios é a tentativa de divisão interna provocada por seus funcionários, para que possam sempre prevalecer as suas imposições.

Situação crítica faz luta de índio contra índio

Na aldeia Xakriabá a situação não é diferente. As críticas do Cimi são também duras e certas, denunciando a morte de três índios, no início do ano, chacinados por grileiros da região, sendo que os posseiros pobres abandonaram o local e as terras desocupadas foram distribuídas entre poucos índios, prejudicando a maioria, "pelo cacique e funcionário da Funai, Rodrigo Gomes de Oliveira, que, com a cobertura do órgão está organizando um grupo de índios que

atua como jagunços contra seus próprios irmãos".

A insuficiência de sementes e o problema da distribuição discriminatória entre poucos índios também são situações vividas na aldeia Xakriabá e, segundo o Cimi, o critério para entrega das sementes "é sempre o de aceitação ou não das imposições da Funai". Quanto à presença de fazendeiro na área dos índios, o Cimi denunciou que os mais poderosos têm toda a cobertura da Funai, que lhes

assegura uma indenização de benfeitorias francamente contrária à legislação em vigor.

Além destes problemas, — afirmou Fábio Alves — a Codevasp está construindo uma barragem no Rio Itacarambi que irá inundar parte do território Xakriabá, prometendo em troca a construção de escolas, perfuração de poços artesanais e uma estrada. Até o momento, somente as escolas foram erguidas, mas estão abandonadas por falta de professores

— são apenas três para atender 4.500 índios. O mais urgente são os poços e nada foi feito e não há perspectiva de que algo positivo venha a acontecer e, enquanto isto, a barragem continua sendo construída.

Para denunciar todas as situações vividas pelos povos indígenas de Minas, o Comitê de Apoio ao Povo Maxacali irá lançar hoje, às 20 horas, no salão da Igreja São José, o livro "A luta dos índios pela terra", elaborado pelo Cedefes.